

“A obra polêmica de Jacques Lacan costuma despertar, com muita frequência, dois tipos de atitudes opostas: ou a adoração devota do discípulo, que adere à doutrina antes de compreendê-la (ou que renuncia à compreensão para melhor adorá-la), ou uma crítica feroz, que rejeita em bloco a produção do autor, em nome de algum pecado imperdoável, conceitual ou de caráter. Ambas as atitudes são francamente passionais e nenhuma delas, portanto, se presta a uma apreensão objetiva da teoria” (p. 11).

Esta a ressalva que abre o livro de Richard Simanke e que já descortina, de certa forma, a angulação assumida pela pesquisa cujas próximas páginas apresentarão, numa prosa simultaneamente densa e clara (esta última característica sendo pedra rara no meio em questão), as linhas de composição que inauguram o edifício lacaniano. Nem repúdio inflamado diante de um discurso frequentemente abstruso, nem dogmatismo presto frente às capas aparentemente sedutoras dos já famosos clichês: o que vemos nesse livro é a paciência de um pesquisador que apresenta ao

Caminhos primeiros na psicanálise lacaniana

Resenha de Richard Theisen Simanke,
Metapsicologia lacaniana: os anos de formação, São Paulo/Curitiba, Discurso Editorial/
Editora da UFPR, 2002, 537 p.

leitor a objetividade dos diversos canais de comunicação que Lacan estabeleceu com saberes que vão desde a psiquiatria clássica até a antropologia de vanguarda. Ao demorar-se em cada um deles, o autor contribui para que se torne visível a malha da qual nasceram as possibilidades de enunciação dos conceitos. Como bem avisa, trata-se “de um trabalho sobre Lacan, e não de um trabalho lacaniano” (p. 14); o que não significa, contudo, eximir-se de elucidar um posicionamento, qual seja, o de um esforço por considerar a consistência interna à teoria sem deixar de indicar os rumos em que ela se faz questionável e as armadilhas por que envereda.

Por que o psiquiatra Jacques Lacan precisou aderir à luta contra as vertentes organizadas e, ao mesmo tempo, insistir na formulação de uma determinação objetiva para a subjetividade? Quais as esco-

lhas teóricas que subsidiam, em 1932, a defesa da psicogênese, apesar do risco de com isso se perder a especificidade do saber médico? O que poderia ter levado um psiquiatra aprendiz de psicanálise a abraçar a dialética antropologizada do ensino de Alexandre Kojève? O que teria se passado entre 1946, quando Lacan considerava o inconsciente uma noção “inerte e impensável”, e 1953, momento em que decreta um plano bastante singular de leitura da psicanálise, localizando aquela mesma noção antes re-

pudiada como ponto de convergência de sua produção? Quais as perguntas com que se debateu o pensamento de Lacan e a partir de quais premissas elas tinham que ser respondidas? Enfim, quais as contendas que animam o que se conhece por “virada lingüística” na psicanálise? A estrutura de *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação* – que se inicia acompanhando Michel Foucault na elucidação das características do método, do objeto e do discurso médicos para então apresentar as tensões propriamente psiquiátricas cujos tons forneceram os dilemas e questões que o jovem teórico procurou equacionar – aposta em que a pertinência das respectivas respostas passa necessariamente pela realização de uma leitura de estilo diacrônico que aponta o solo teórico que fecundou o início do pensamento de Lacan e esclarece detalhadamente os meandros de seu movimento.

Simanke mostra o que sempre esteve em jogo na atualização do discurso de Lacan: a necessidade de recuperar a subjetividade no interior da ciência (tema trabalhado também no artigo “Lacan: subjetividade e

psicose”, revista *Discurso*, n. 23, 1994). Como os determinismos sempre se arriscam ao reducionismo, o paradoxo da objetivação do subjetivo implicará renovadas ameaças de dissolução dos quadros referenciais e retomadas de fôlego quanto aos desdobramento teóricos. Um importante fio de análise desse problema é encontrado pelo autor nas diversas modulações da antropologia com as quais dialoga o pensamento de Lacan. Lévi-Brhul, Marcel Mauss, Alexandre Kojève e Claude Lévi-Strauss funcionam, em diferentes fases, como aportes para o impulso de desnaturalização do sujeito e da realidade calcado na referência ao social como origem da determinação.

A pesquisa discute ainda em detalhes em que medida o projeto lacaniano não pode ser dito freudiano; tanto com relação aos princípios assumidos, quanto na consideração efetiva dos textos e ainda no estilo das respostas oferecidas. Mas igualmente se pergunta se haveria, no próprio arcabouço teórico lacaniano, algo que pudesse ser proclamado a responder pela legitimação da “singularidade”

de que se reveste essa leitura da obra de Freud que pretende, até mesmo, ser um seu retorno. A hipótese repousa no conceito de metáfora como operador da façanha de fazer um texto produzir significações radicalmente novas e da identidade entre fenômeno e teoria, raciocínio que ainda se desenvolve no artigo “A letra e o sentido do ‘retorno a Freud’ de Lacan: a teoria como metáfora”.¹

Certamente, a apreensão absolutamente objetiva de um texto qualquer – quanto mais de uma obra – não passa de cãndida ilusão. No extremo oposto se situa, porém, um tipo de leitura que usa o anacronismo, com a justificativa de se valorizar a sincronia, para enxergar em textos iniciais termos ou conceitos só muito posterior-

mente desenvolvidos; haja vista a insistência em dizer que, em sua tese de doutorado de 1932, Lacan já aderiria à psicanálise ou tentativas esdrúxulas de encontrar conceitos como “Coisa” ou “objeto a” em textos escritos na década de 40. Lacan, inclusive, incentivou com sua própria pena esse tipo de visada. Basta ver, por exemplo, a forma com que “Do sujeito enfim em questão” (de 1966) apresenta, nos *Écrits*, o “Discurso de Roma”, que é de 1953: “como se já estivesse tudo lá”... A esse tipo de leitura, David Macey²: chama “the final state”, toma o conceito como algo estável nos níveis teórico e epistemológico, sem história, sem desenvolvimento; toma *Écrits* por coletânea homogênea.

Como lembrava Foucault, estamos quase sempre fazendo comentário do comentário do comentário. (“*Estamos historicamente consagrados à história, à paciente construção de discursos sobre os discursos, à tarefa de ouvir o que já foi*

dito.”³ Não obstante, empreender um esforço inscrito exatamente nos moldes de uma história das idéias – procurando situar as questões motrizes tanto nas fontes contatadas quanto na forma de sua assimilação pelo pensador; noutras palavras: comentar um discurso considerando seus vetores constituintes – concorre bastante positivamente para que se possa aquilatar o sentido de uma obra em seu próprio valor. Ignorar esse contexto é meio passo para a emissão de enunciados que podem soar complexos e até articulados, mas que, questionados de perto, revelam-se inconsistentes e apoiados sobre um enorme vazio. Para entender Lacan, não é preciso concordar com seus próprios métodos.

NOTAS

1. V. Safatle (org.), *Um limite tenso: Lacan entre a psicanálise e a filosofia*, São Paulo, Edunesp, 2003.
2. Cf. em *Lacan in contexts*, Londres/Nova York, Verso, 1988.
3. M. Foucault, *O nascimento da clínica*, tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1994, p. xv.